

CHRISTINE ESCALLIER
E NELSON VERÍSSIMO (ORG.)



EDUCAÇÃO E CULTURA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Departamento de Ciências da Educação

CHRISTINE ESCALLIER E NELSON VERÍSSIMO (ORG.)

EDUCAÇÃO E CULTURA

EDUCAÇÃO E CULTURA

CHRISTINE ESCALLIER E NELSON VERÍSSIMO (ORG.)

Educação e Cultura

**II Colóquio do Departamento de Ciências da Educação
da Universidade da Madeira**

e

**VII Colóquio Internacional da Sociedade Europeia de
Etnografia da Educação**

**UNIVERSIDADE DA MADEIRA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
2008**

Educação e Cultura: Actas do II Colóquio do Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira e VII Colóquio Internacional da Sociedade Europeia de Etnografia da Educação

Organização: Christine Escallier, 1957- e Nelson Veríssimo, 1955-

Edição: Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira

Apoio: Fundação para a Ciência e Tecnologia, FCT.

Impressão: Grafimadeira, Funchal.

Depósito Legal:

ISBN:

O papel do *educador* na formação humana: alguns exemplos da Antiguidade Clássica

Joaquim J. S. PINHEIRO
Universidade da Madeira (Portugal)

Resumo

Com base nas biografias políticas de Plutarco, escritas nos séculos I e II, procuraremos definir os diversos elementos do processo educativo e o alcance moral da *paideia* (educação e cultura). Interessá-nos, sobretudo, reflectir sobre os seguintes elementos:

1. Responsabilidade dos pais na escolha dos educadores;
2. Definição da natureza dos educadores e da sua relação com as crianças e os jovens;
3. Disciplinas prioritárias da *paideia*;
4. Efeito da *paideia* (e também da sua ausência) na natureza humana;
5. A *paideia* como factor de identidade.

A escolha destas temáticas visa, por conseguinte, focar alguns aspectos da *paideia* e das suas consequências e exigências, ficando-se a perceber que muitas das questões que hoje se levantam sobre o processo educativo já estavam presentes na Antiguidade Clássica, obviamente num contexto histórico-cultural diferente.

Abstract

The role of the teacher in human instruction: some examples from Classical Antiquity

The aim of this paper will be to define the various elements in the educational process, as Plutarch in his *Vitae*, written between the first and second centuries AD, defends them, as well as the moral achievements of *paideia* (as meaning both education and culture). These are the main topics we will analyse:

1. what is the responsibility of the parents in choosing a teacher;
2. how does Plutarch define the nature of the teachers and their relationship with children and teens;
3. what disciplines have priority in *paideia*;
4. what is the effect of *paideia* (or of its absence) in human nature;
5. *paideia* as a factor of identity.

The choice of these topics will lead us to a discussion of some aspects of *paideia* and its consequences and demands, and we will realize that many of the questions we are facing in the present about the instructive process were already focus of debate in Classical Antiquity, although in a different historical and cultural context.

Abordar na globalidade a temática da *paideia* na Antiguidade Clássica¹ seria irrealizável e correríamos o risco de não corresponder aos objectivos traçados para este Colóquio. Por isso, circunscrevemos a nossa reflexão às *Vidas Paralelas* de Plutarco, escritas nos séculos I e II d. C., pois permitem-nos avaliar a dinâmica que existe entre educação e política, bem como o alcance moral da educação e o seu papel na socialização do indivíduo. A *paideia* (educação, cultura, formação intelectual e moral para os Gregos) é, sem dúvida, um valor extremamente importante na vida humana por desencadear processos de auto-conhecimento e de apreensão do meio envolvente. Por meio dela o homem conhecer a natureza e a sociedade que o rodeiam, além de ajudar a ordenar e a disciplinar as expressões humanas, tornando-as mais virtuosas. Se a divindade baseava o seu poder na sapiência², entendia-se que também o indivíduo deveria procurar aprofundar a *paideia*, para se exercitar nas acções virtuosas e, assim, poder exercer a *politeia* com justiça.

Assiste-se, precisamente nos séculos I e II d. C., a um processo de florescimento cultural e também económico, nas cidades gregas situadas a Oriente, onde as elites culturais que integram a conhecida Segunda Sofística, mostrando-se orgulhosas das formas de arte e de pensamento dos seus antepassados, revisitam essa *paideia* e a revitalizam, até para que os próprios Gregos se consciencializassem melhor do que significava “ser Grego”, numa época em que a Grécia fazia parte do Império Romano.

Presente de forma mais ou menos declarada na narrativa das *Vidas Paralelas*, a *paideia* é parte crucial do desejo e da ambição pelo saber, existindo na Antiguidade a noção de que o conhecimento não é algo isolado e hermético, mas uma panóplia universal de fenómenos, em que cada parte só é inteligível com a compreensão do todo. Desse modo, diríamos que uma determinada acção de um herói adquire um real significado quando é inserida numa sequência de elementos, em que a *paideia* ocupa um papel essencial. Plutarco, por ser um aristocrata, inscreve-se na tradição helénica daqueles que se acham dignos de assumir responsabilidades públicas e de aprofundar a sua formação.³ Além disso, na linha do pensamento de Isócrates⁴, orador Ateniense dos séculos V-IV a. C., Plutarco entende que a *paideia* define a grecidade (aquilo que distingue um grego), por oposição à barbárie, uma vez que a diferença reside mais na cultura do que na natureza. Contudo, especialmente as *Vidas Paralelas*, passam a incorporar nessa *paideia* os próprios romanos, facto que não é absolutamente inovador, já que Dionísio de Halicarnasso⁵ havia descrito Roma como uma escola da *paideia*, desvanecendo-se a imagem dos Romanos como bárbaros, até porque aqueles além das suas qualidades políticas se distinguem pela sua boa educação (*eupaideutoi*)⁶. Aliás, se Dionísio de Halicarnasso tinha por intenção aproximar os Romanos da *paideia* helénica e recordar-lhes a suas raízes culturais⁷, também Plutarco não negligencia esses objectivos e, porventura, de uma forma mais profunda. Esta concepção leva-nos, quase inevitavelmente, a Estrabão, que não é defensor de uma tipificação dos povos em “Gregos” e “Bárbaros”, mas em vez disso, de uma catalogação pela sua *arete*.⁸

¹ Para uma análise do fenómeno educativo na Antiguidade Clássica recomenda-se Marrou, H.-I (1990⁵), Jaeger, W. (2001) e mais recentemente Too, Y. L. (ed.) (2001).

² Cf. *Is. et Os.* 351D; para os textos e autores clássicos, usámos, nas notas, as abreviaturas de Liddell, H. G., & Scott, R. (1996r), xvi-xxxviii, e as convencionadas pelos estudos plutarquianos.

³ Em *Cim.* 1.1 e *Mor.* 558A revela pertencer a essa classe, até porque tem ascendência real.

⁴ *Paneg.* 50.

⁵ A propósito da presença de Roma e da Grécia na obra de Dionísio de Halicarnasso *vide* Hartog, F. (1991), 149-167.

⁶ 1.3.1.

⁷ Recorde-se que as *Ant. rom.*, em língua grega, enfatizam as origens gregas dos Romanos.

⁸ Cf. *Geog.* 1.4.9.

Entende-se que o homem deve ter uma formação suficiente para participar na construção de um Estado sólido, organizado e equilibrado⁹, pois aquele que não tem educação (*apaideutos*) viverá condicionado por aquilo que é fortuito (boa ou má *tyche*), logo fora do seu controlo. Recuperando, por um lado, a imagem platónica¹⁰ do homem como um animal domesticado e, por outro, a ideia aristotélica¹¹ de que o homem é um animal com claro instinto social e político, Plutarco entende a actividade política e a vocação gregária do homem¹² como algo fundamental¹³:

A actividade política não é nenhum serviço público que tem o que se solicita como finalidade, mas é o tipo de vida de um animal domesticado, social e político, e que nasceu para viver o tempo que lhe está destinado em prol da cidade, do bem e dos homens.

Como se pode constatar, defende-se, acima de tudo, o ideal ético de que o homem deve dedicar o melhor que tem à causa pública. Esse mesmo homem deve respeitar a lei e saber ser útil à *polis* quando manda e quando é mandado.¹⁴

As informações que se podem colher da leitura das *Vidas Paralelas* de Plutarco permitem-nos discutir diversos aspectos curiosos sobre a *paideia*. Desde logo, a comunicação, fundamental no processo educativo, entre educador e educando produz-se em diferentes níveis¹⁵ e, em geral, desde tenra idade, pois é nesse período que a mente está mais predisposta para a instrução¹⁶:

“Comprou muitos escravos, adquirindo a maioria dos prisioneiros de guerra quando ainda eram pequenos e podiam ainda ser criados e educados, como acontecia com os cachorros ou os potros.”

“Tal como é necessário que os membros do corpo das crianças sejam modelados, correctamente, desde o nascimento, para que cresçam direitos e sem defeito, da mesma forma convém, desde o início, orientar os costumes das crianças. Em

⁹ Plutarco para representar a organização do Estado usa a imagem da colmeia (Cf. *Praec. ger. reip.* 813C, 818 C, 821A e 823F); não é uma imagem original porque já a encontramos em Platão, *Rep.* 520B, *Pol.* 301D-E e em Xenofonte, *Cyr.* 5.1.24.

¹⁰ Cf. *Lg.* 766a.

¹¹ Cf. *EE* 1242a, 22-26 e *Top.* 128b, 15.

¹² Aristóteles já tinha sido suficientemente claro quanto aos objectivos da acção política na procura do bem: “Mas a perícia política não faz apenas uso das restantes outras perícias que dizem respeito à razão, ela ainda legisla a respeito do que se deve fazer e de que coisas se têm de evitar. O fim que ela persegue envolve de tal modo os fins das restantes, ao ponto de tratar-se do bem humano. Porque, mesmo que haja um único bem para cada indivíduo em particular e para todos, em geral, num Estado, parece que obter e conservar o bem pertencente a um Estado é obter e conservar um bem maior e mais completo. O bem que cada um obtém e conserva para si é suficiente para se dar a si próprio por satisfeito; mas o bem que um povo e os Estados obtêm e conservam é mais belo e mais próximo do que é divino.” (*EN* 1094b, 1-10).

¹³ *An seni resp.* 791C; vide semelhante descrição da vida política em *De un. in rep. dom.* 823C; em *Cat. Ma.* 24.11, contudo, Plutarco louva Catão pela sua dedicação ao serviço público (*leitourgia*), como algo vitalício.

¹⁴ Cf. *Pl.*, *Lg.* 643e; *Arist.*, *Pol.* 1261b, 47 e 1317a, 14; cf. Masaracchia, A. (1995), 231 s.

¹⁵ Foi-nos útil a leitura do artigo de Roskam, G. (2004), 93-114, que propõe uma análise do processo educativo em dois grandes níveis: um propedêutico, onde se inclui a acção do *paidagogos*, do *didaskalos* e do *grammatikos*, e o nível do *kathegetes*, ou seja da *paideia* filosófica.

¹⁶ *Cat. Ma.* 21.1 e *De lib. educ.* 3E-F, respectivamente; refira-se que na sequência deste último texto se citam dois versos de Focílides que bem ilustram este assunto: É necessário que ainda na infância aprendam as acções virtuosas.

verdade, a juventude é fácil de formar e é flexível, pois ainda se incutem nas suas almas delicadas os ensinamentos. O que é duro dificilmente se suaviza. Tal como os selos se imprimem na cera delicada, também os ensinamentos nas almas dos que ainda são crianças.”

Por conseguinte, desde cedo aprendem a ler, a escrever, a fazer contas, mas ao mesmo tempo transmitem-se às crianças alguns princípios morais. Nesta fase, são os *paidagogoi* e os *didaskaloi*¹⁷ que assumem um papel preponderante, não sendo fácil definir com exactidão as funções de cada um porque as diferenças nem sempre prevalecem nos textos¹⁸. No entanto, parece que ao *didaskalos* cabe a formação dita mais intelectual¹⁹, enquanto o *paidagogos* assume a educação moral²⁰ e a *askesis* (exercício e esforço) para a virtude²¹. Apesar do valor atribuído à *paideia*, a profissão de *paidagogos* não tinha uma importância correspondente, podendo mesmo ter uma conotação negativa, como acontece com Leónidas, que evita o nome *paidagogos*.²² Além disso, a *paidagogia* não excluía o exercício de outras actividades, sendo relevante verificarmos que sobre dois *paidagogoi* referidos na biografia de Temístocles, o persa Sicino²³ e Ólbio²⁴, respectivamente educadores dos filhos de Temístocles e Nicógenes, Plutarco se ocupa mais das suas acções militares ou políticas do que do seu papel educativo.

Como Roskam, G. (2004, pp.94-95) chama à atenção, os vocábulos *paidagogos* e *didaskalos* não aparecem apenas com o sentido de “professores de leitura e de escrita”, mas em alguns passos adquirem um sentido metafórico: *didaskalos* de leis²⁵, de economia, de agricultura²⁶, ou da arte de caçar²⁷; *paidagogos* de matérias teológicas²⁸ e políticas²⁹. Com isto percebe-se que a *paideia*, no seu sentido mais prático, ganha uma grande amplitude, e os seus agentes assumem diversas facetas. Leónidas, por exemplo, não se limita a transmitir a Alexandre os seus conhecimentos, pois também lhe selecciona os cozinheiros e lhe inculca o valor da frugalidade³⁰.

Embora, como vimos, o nome de *paidagogos* possa ter tido conotações menos positivas, a verdade é que Cónidas, *paidagogos* e *epistates*³¹ de Teseu, merece ser lembrado e honrado, segundo Plutarco, por parte dos Atenenses com o sacrifício de um carneiro, num claro sinal de reconhecimento, certamente devido à dimensão da figura de Teseu³². A própria influência dos educadores na vida futura dos seus educandos é reconhecida por Plutarco: Demóstenes, depois de convencer o seu *paidagogos* a deixá-

¹⁷ Surgem muitas vezes interligados em Plutarco: *Dem.* 5.2, *Phil.* 4.1, *Alex.* 5.7, *Cat. Mi.* 16.3, *Aem.* 33.6, *Lyc.* 30.5, *Galb.* 17.2, *De aud.* 37D e *De gen. Socr.* 589F; vide ainda *De lib. educ.* 9D, 12A e 12B.

¹⁸ Cf. Morgan, T. (1998), p.28.

¹⁹ Cf. *Alc.* 7.

²⁰ Cf. *Marc.* 9.7.

²¹ Cf. *An uirt. doc.* 439F.

²² Cf. *Alex.* 5.7; vide outros exemplos em *Fab.* 5.5 e *Ant.* 10.6; em outro caso, a profissão de pedagogo e de mestre aparece ao mesmo nível da de um porteiro ou de um homem ligado à vida marítima (cf. *De uit. aer.* 830B).

²³ Cf. *Them.* 12.4.5.

²⁴ Cf. *ibid.* 26.2.

²⁵ Cf. *Thes.* 25.2.

²⁶ Cf. *Comp. Arist.-Cat.Ma.* 3.2.

²⁷ Cf. *Aem.* 6.9.

²⁸ Cf. *Num.* 15.1.

²⁹ Cf. *Arat.* 48.4.

³⁰ Cf. *Alex.* 22.9-10.

³¹ Outro vocábulo para “mestre” ou “educador”.

³² Cf. *Thes.* 4.1.

lo assistir a um processo judicial, fica espantado com o uso que este fazia da palavra e daí nasce o seu impulso e a sua total entrega à arte oratória³³.

Deste modo, o momento e os critérios de escolha dos *paidagogoi* e *didaskaloi* assumem muita importância, como o seguinte texto do tratado *Da Educação das Crianças* comprova³⁴:

“É por isso que não merece ser descuidado o seguinte: os jovens escravos que estão destinados a servir os filhos desses pais e a conviver com eles devem ser escolhidos, acima de tudo, pelo seu carácter virtuoso e, com certeza, devem falar a língua grega com fluência, para que, com o convívio com bárbaros de costumes perversos, não se deixem contagiar pelos seus vícios. Os que falam por meio de provérbios dizem, com verdade, que “quem vive perto de um coxo, aprende a coxear”. Quando as crianças atingirem a idade de serem entregues aos *paidagogoi*³⁵, nesse momento deve ter-se muito cuidado na escolha destes, a fim de não se permitir que os filhos sejam entregues a escravos bárbaros ou instáveis. É que o que hoje muitas pessoas fazem é extremamente ridículo. De entre os escravos diligentes nomeiam os agricultores, os armadores de barcos, os comerciantes, os administradores e os usurários³⁶. Mas, se descobrem um escravo ébrio e guloso, inútil para qualquer actividade, é a esse que levam os filhos e os entregam. É necessário, contudo, que o *paidagogos* sério tenha a natureza como a de Fénix, o *paidagogos* de Aquiles³⁷. Vou expor a questão mais importante de todas as que até agora referi. Procurem-se para os filhos *didaskaloi* que tenham uma conduta de vida irrepreensível, uma moral acima de qualquer censura e os melhores pela sua experiência. A fonte e a raiz da honestidade perfeita encontram-se na educação conforme aos bons costumes. Tal como os agricultores põem esteios nas plantas, assim também os *didaskaloi* que têm bons hábitos, enxertam nos jovens os princípios e os conselhos convenientes, para que brote neles um carácter recto. É possível, porém, condenar alguns dos pais de hoje que, antes de avaliar os que devem ensinar, por ignorância ou também por inexperiência, entregam os filhos a homens de má índole e falsos. Se os pais agem por inexperiência, de nenhuma maneira isso é ridículo, mas o cúmulo do absurdo! De que forma?! Algumas vezes têm conhecimento — ou então percebem por aquilo que outros dizem — da inexperiência aliada à perversidade de alguns mestres, e mesmo assim lhes entregam os filhos, seja porque não são capazes de resistir a tratá-los com adulações, seja para agradarem aos amigos que lhes pedem, agindo como quem tendo o corpo doente o descursasse, ainda que pudesse curá-lo com a ciência; ou como o homem que, só para agradar a um amigo, prefere escolher aquele que o fará perder por causa da inexperiência; ou como aquele que, a pedido do amigo, despede o melhor armador de barcos, como se julgasse ser o pior. Por Zeus e todos os deuses! Para aquele que merece ser chamado pai tem mais valor agradar aos pedidos ou à educação dos seus filhos? Sobre isto, o velho Sócrates dizia, muitas vezes, que não é conveniente, ainda que fosse possível, subir à parte mais alta da cidade³⁸ e gritar: “Homens, onde ides, fazeis todo o esforço para adquirir a riqueza, porém pouco vos preocupais com os filhos. Que coisas abandonastes por eles?”. Pela minha parte, posso aduzir a estes

³³ Cf. *Dem.* 5.

³⁴ 3F-5A.

³⁵ Aos 7 anos.

³⁶ Ou agiotas. Os que emprestam dinheiro a juros excessivos.

³⁷ *Il.* 9, 443 e ss.

³⁸ Atenas. Cf. *Plat. Clit.* 407 a.

factos que esses pais agem de forma semelhante à daquele que, por um lado, se preocupa com o calçado e, por outro, tem pouco cuidado com o pé³⁹. Muitos pais valorizam tanto o amor ao dinheiro⁴⁰, como o ódio pelos filhos, pois, para não gastarem um salário elevado, escolhem homens de modo algum válidos para mestres dos filhos, procurando uma ignorância de baixo preço. Também Aristipo zombou num discurso, não sem elegância, mas, sem dúvida, com fineza, de um pai privado de inteligência e de senso. Depois de ele perguntar a Aristipo que salário pediria para a educação do filho, respondeu “mil dracmas”. “Por Hércules”, disse, “como é excessivo o teu pedido. Na verdade, com mil dracmas posso comprar um escravo”; “Dessa forma”, replicou Aristipo, “terás dois escravos, o teu filho e o que poderes comprar”.”

Este texto⁴¹, apesar de muito provavelmente não ter sido escrito por Plutarco, reúne algumas ideias e críticas que ele perfilha, por exemplo que a boa educação dos filhos deve tornar-se uma das prioridades dos progenitores. Assim aconteceu com Filipe que chamou Aristóteles por não acreditar nos mestres que o seu filho Alexandre tinha.⁴² Porém, o papel dos pais não se resume a escolher bem os educadores para os filhos. Os pais, eles próprios, devem ser modelos e empenhar-se directamente na sua educação, como fez Catão Censor, Emílio Paulo e Filipe com Alexandre.

Na sua acção junto dos jovens, de modo a conseguirem modelar os seus caracteres e conduzi-los para a virtude, os *paidagogoi* e os *didaskaloi* definem regras e assumem a sua autoridade, dando os *paidagogoi* especial atenção ao que hoje chamaríamos “regras de etiqueta”⁴³:

“O que ensinam os *paidagogoi*? A caminhar pela rua com a cabeça baixa, a tocar as conservas com um só dedo, com dois o peixe, o pão e a carne, a sentar-se de uma certa forma e a colocar o manto de uma maneira correcta.”

Ambos, *paidagogoi* e *didaskaloi*, lideram o processo educativo, de forma por vezes ríspida⁴⁴, como se assume na biografia de César ao comparar-se os golpes que as mulheres recebiam nas mãos, por supostamente esse acto as ajudar a ter um bom parto ou para ficarem grávidas, com as palmadas que as crianças recebiam na escola⁴⁵, mas são eles, os educadores, que se responsabilizam por tudo o que envolve a *paideia* e, por isso, Plutarco considera correcta a atitude de Diógenes em dar uma bofetada num *paidagogos*, uma vez que a culpa se deve atribuir ao que não ensinou.⁴⁶ Pode afirmar-se que na maioria dos casos existe uma relação de lealdade e de admiração⁴⁷, tendo em geral o pupilo uma atitude passiva, ainda que se encontrem alguns casos de maior

³⁹ Tamanho do pé; cf. *De tranq. animi* 466E; o *ethos* dá forma à vida e acaba por se identificar com ela

⁴⁰ Sobre o dinheiro na educação, vide Pl., *Apologia* 19 d-e e 20 b.

⁴¹ Sobre o tratado *A Educação das Crianças*, remetemos para as considerações que tecemos em dois trabalhos anteriores: Pinheiro, J. (2003) e outro apresentado no *Simpósio Internacional Escuela y Literatura Griega en la Grécia Antigua*, na Universidade de Salamanca, cujas actas serão publicadas em breve.

⁴² Cf. *Alex.* 7.1-2.

⁴³ *An uirt. doc.* 439F; cf. *De fort.* 99D; também Arist., *Nub.* 973 ss. se refere à forma de andar na rua e de se sentar e em *Av.* 1568 a forma de pôr o manto.

⁴⁴ Em *De aud.* 37D são qualificados de “duros déspotas”.

⁴⁵ Cf. *Caes.* 61.3.

⁴⁶ Cf. *An uirt. doc.* 439E; em *Cam.* 10.1-5 e *Ant.* 81.1-2 encontram-se casos de professores que não corresponderam às expectativas.

⁴⁷ Em *De uirt. mor.* 448E, Plutarco dá o exemplo dos jovens que numa fase inicial sentem admiração pelos cultos ou graciosos *didaskaloi*, mas que depois os passam a amar.

independência e crítica face ao educador, como acontece com Alcibíades que prestava atenção a todos os *didaskaloi*, com excepção daquele que ensinava a tocar flauta, por considerar que era uma arte indigna de um homem livre, atitude que, no entanto, não pode ser interpretada como uma falta de respeito, mas apenas como um juízo crítico.⁴⁸

De seguida, não podemos deixar de referir que, nas *Vidas Paralelas*, Plutarco dá poucos exemplos concretos da actividade do *grammatikos*, precisamente aquele que desenvolve a *paideia* iniciada pelo *paidagogos* e pelo *didaskalos*, incidindo a sua formação sobretudo no ensino da poesia e na transmissão de conhecimentos gerais. Esta é a fase propedêutica, pois a leitura dos poetas, assim se entendia, era uma preparação para a filosofia⁴⁹. Aliás, o *grammatikos*⁵⁰ procura incutir nos discípulos⁵¹ o gosto pela leitura da poesia, com o objectivo da formação moral, incrementando-se a capacidade de se distinguir a realidade da ficção, o bem do mal, o verosímil da verdade. Logo, mais do que prestar atenção ao efeito estético das palavras deve o leitor/discípulo deter-se no conteúdo e na utilidade dos ensinamentos ou do texto para a sua vida quotidiana.⁵² Só dessa forma a *paideia* conseguirá estimular os seus agentes a imitar os melhores modelos e a rejeitar aquilo que os afastará da infelicidade e do mal.

Num nível superior, encontra-se a *paideia* filosófica, que inicia o aluno na filosofia e nas suas diferentes doutrinas, e, em paralelo, consolida a sua formação moral. Este nível só é profícuo quando o aluno se interessa pelo conhecimento e pela conduta ética⁵³, sabe reconhecer os seus defeitos e deseja eliminá-los⁵⁴. Além disso, verifica-se, em comparação com a fase propedêutica, um papel menos passivo do aluno, pois ele é chamado a demonstrar uma atitude crítica perante as leituras e as ideias do *kathegetes*, de modo a conseguir separar o supérfluo do essencial e, sobretudo, a formular um pensamento próprio⁵⁵:

“Com efeito, se fosse necessária uma outra advertência sobre a acção de escutar, juntaríamos que também se deve, recordando o que até agora dissemos, exercitar a capacidade de descoberta em paralelo com a instrução, para que tomemos um hábito nem sofístico nem histórico, mas muito íntimo e filosófico, considerando que saber ouvir bem é o princípio de viver bem.”

Após absorver o conteúdo dos textos e das palavras do professor, o aluno deverá necessariamente estar apto a formular questões pertinentes⁵⁶, cabendo ao professor responder ou problematizar a questão, por meio de *problemata* (exercício em forma de problema) ou *aitiai* (estudo das causas), para o próprio aluno encontrar a melhor resposta, de modo a estimular a imaginação e a capacidade individual de pesquisa (*zetesis*)⁵⁷, num processo bastante próximo da técnica maiêutica⁵⁸, uma vez que existe

⁴⁸ Cf. *Alc.* 2.5.

⁴⁹ Cf. *De aud. poet.* 37B.

⁵⁰ Cf. *De aud. poet.* passim.

⁵¹ Cf. *Ibid.* 19A e ss.

⁵² Cf. *Ibid.* 14F, 28E, 30E e 32E-F.

⁵³ Cf. *De aud.* 39D, *De prof. in uirt.* 80B-C.

⁵⁴ Cf. *De aud.* 43D-E, *De prof. in uirt.* 81F-82F.

⁵⁵ *Ibid.* 48D.

⁵⁶ Cf. *ibid.* 42F-43B; as questões devem ser colocadas no momento oportuno (39C e 42F) e de acordo com a competência do professor (43B-D).

⁵⁷ Roskam, G (2004), 103, interpreta o incentivo à resolução de questões ou problemas, conducentes à procura da verdade, da seguinte forma: “attitude fits in very well with Plutarch’s epistemological position, which is influenced by the sceptical Academy. For Plutarch, indeed, philosophy itself is in the end a continuing search for the truth”.

⁵⁸ Cf. *Quaest. Plat.* 1000D-E.

não só maior comunicação entre professor e aluno, mas também reciprocidade na transmissão filosófica (*symphilosophiein*)⁵⁹.

Quando um indivíduo entra na idade adulta não deixa de ter um supervisor, mas apenas se altera⁶⁰, passando a possuir o próprio indivíduo maior iniciativa própria e a examinar constantemente a sua conduta moral⁶¹. Da mesma forma que Plutarco estimula os leitores a imitar os valores dos heróis das *Vidas Paralelas*, também o indivíduo deve sentir o apelo por esses paradigmas do passado e, por meio do exercício, progredir na virtude⁶². Aquele que consegue fazer progressos no carácter e na prática da virtude sente tristeza pelo facto de o professor já falecido não poder assistir à sua evolução⁶³:

“De tal maneira que se lastima ao recordar-se do seu pai ou do seu mestre já falecidos por não o poderem ver na presente condição, e de nenhuma forma dirigiria preces aos deuses senão com a intenção de fazer reviver aqueles para presenciarem a sua vida e as suas acções. Pelo contrário, aqueles que, de forma adversa, foram descuidados por completo consigo próprios e se corromperam, nem em sonho vêm com tranquilidade e sem medo os seus familiares.”

Pela análise que temos vindo a fazer da relação entre professor e discípulo, fundada num código de lealdade e até de amizade⁶⁴, verifica-se que se pode apontar em Plutarco um primeiro nível, a fase propedêutica, em que existe fundamentalmente uma transmissão de conhecimentos e de valores do professor para o discípulo (emissor-professor-activo > receptor-aluno-passivo). Num segundo nível, o da *paideia* filosófica, o professor segue mais a metodologia maiêutica ou dialógica do que a *ex cathedra*, conduzindo o aluno até às respostas e às hipóteses que ele próprio desenvolve, numa espécie de anamnese (*anamnesis*). Para que a comunicação pedagógica tenha sucesso, é necessário que o aluno, conhecendo as ideias dos principais filósofos, consiga desenvolver um pensamento autónomo e uma atitude crítica. Além disso, só aquele que é consciente das suas lacunas e dos erros que comete pode fazer progressos na virtude, um dos objectivos nucleares da *paideia*. Ao que educa, por sua vez, a par da sua necessária sabedoria e elevada moral, pede-se que saiba colocar questões e que estimule os alunos a apontar soluções e hipóteses, num são e proveitoso ambiente educativo.

Por conseguinte, e atendendo aos exemplos apresentados, parece-nos que o indivíduo se prepara, sobretudo, para assumir o seu papel activo de cidadão, havendo uma nítida correlação entre *paideia* e *politeia*. A *paideia* forma o cidadão e prepara-o para a *politeia*, podendo esta, caso os conhecimentos e os valores não estejam consolidados, corromper e anular a progressão gradativa da virtude. Note-se que Plutarco, ao longo das *Vidas Paralelas*⁶⁵, baseando-se nos preceitos platónicos, peripatéticos e estoicos, não impõe uma *paideia*, mas usa um método diferente: cada um dos destinatários deve ao ler as biografias questionar-se sobre as suas qualidades. Nesse processo introspectivo, a sua consciência ditar-lhe-á se está mais próximo ou não da conduta virtuosa.

⁵⁹ Cf. *Cic.* 24.8 ; *vide* ainda *Dio* 20.2, *Brut.* 12.3 e 24.1, *De prof. in uirt.* 77B-C, *De tuenda san.* 122B e *De gen. Socr.* 578F.

⁶⁰ cf. *De aud.* 37D-E.

⁶¹ cf. *De prof. in uirt.* 82A e 83A-B.

⁶² Cf. *ibid.* 84B-85B.

⁶³ *Ibid.* 85D.

⁶⁴ Cf. *De uirt. mor.* 448E e *Max. cum princ.* 779D.

⁶⁵ Stadter, Ph. (2000), 504, olhando para a audiência das biografias, apelida-a de *adult education program*.

É fundamental que cada indivíduo saiba inspeccionar (*ephoran*)⁶⁶ o seu carácter, de forma exigente, para conseguir corrigir os erros e procurar a melhor forma de ganhar, cada vez mais, controlo sobre os seus excessos. A continuidade do processo educativo e a permanente (auto)avaliação que a *paideia* impõe provam que cada indivíduo, depois de receber os ensinamentos dos mestres, terá de desenvolver capacidades e de ter um espírito crítico para saber adaptar-se às contingências que a vida lhe traz a cada instante.

Por isso, Plutarco prefere não apontar um modelo perfeito de *paideia*, até porque os seus heróis retratados nas *Vidas Paralelas* são de tempos e espaços diversificados, mas antes persuadir o seu ouvinte a observar com atenção as motivações, as decisões e as etapas que cada herói percorreu, de modo a tirar daí um proveito concreto para a sua vida. Aliás, o evoluir do tempo é acompanhado pela progressão da *arete*, idealmente no sentido positivo, um processo ao qual a *paideia* não se deve alhear. Como sabe que é problemático que a *paideia* recebida na infância seja só por si suficiente para o resto da vida, Plutarco espera que as virtudes morais consigam prevalecer nos mais variados cenários (guerra, vida política ou família), pois acredita nas potencialidades humanas, mesmo naqueles que vivem em transgressão. Esta crença do Queronense, susceptível de ser considerada ingénua, preenche uma parte substancial da construção dos perfis psicológicos dos seus heróis e justifica a escolha de personagens menos positivas e a sua opção por não esconder o lado mais negativo da natureza humana.

No contexto do paralelismo cultural gerado pelas *Vidas Paralelas*, entre Gregos e Romanos, a *paideia* não tem só um papel civilizador, bem ilustrado por Alexandre Magno. Se chegou a vingar na Grécia a ideia de que a *paideia* tinha uma barreira étnica, as conquistas de Alexandre vêm demonstrar que outros homens, inclusive Bárbaros, podem partilhar desse ideal. Assim, deixa de ser o espaço geográfico a definir o homem, mas os valores que ele cultiva e manifesta na sua *praxis*, tendo isso contribuído para uma generalização humana e para o aprofundar do conhecimento. Para o entendimento da construção, um pouco elitista, da identidade do espaço greco-romano, das actividades que se geram nas cidades e do impacto que a governação romana tem na Grécia e nas suas colónias, a *paideia* é crucial⁶⁷, uma vez que ela tem implicações subjectivas e também a nível social e político. A *paideia*, na sua manifestação literária, como testemunham as *Vidas Paralelas*, não pode ser descontextualizada do mundo onde emerge⁶⁸, pois molda-se em função dele e ajuda a compreendê-lo melhor, havendo uma dinâmica recíproca e complexa entre texto e realidade.

Resulta, assim, que a *paideia* é um traço identitário, independentemente do *genos* (raça), da língua ou do local onde se vive. Mais importante do que “ser Grego” ou “ser Romano” é adquirir os valores da *paideia*, como bem ilustram as palavras de Isócrates⁶⁹:

“De tal modo se distanciou a nossa cidade dos outros homens, no que toca ao pensamento e à palavra, que os seus alunos se tornaram mestres dos outros e o nome dos Gregos já não parece ser usado para designar uma raça, mas uma mentalidade, e chamam-se Helenos mais os que participam da nossa cultura do que os que ascendem a uma origem comum.”

⁶⁶ Cf. *De coh. ira* 452F-453A.

⁶⁷ Cf. e.g. Anderson, G. (1989) e (1993), Bowie, E. (1991), Swain, S. (1998r).

⁶⁸ A propósito de Plutarco e desse mundo, *vide* Duff, T. (2002r) 1-72, Pelling, C. (1989), Swain, S. (1990a) (1990b).

⁶⁹ *Paneg.* 50 (trad. de Rocha Pereira, M. H. (2003⁸)).

Plutarco, cidadão do Império, quer passar a mensagem de que a *paideia* não define apenas aqueles que nasceram de um estirpe aristocrática, nem tão pouco os que são Helenos, mas todos os que desejam participar dessa cultura. Mesmo aquele que tem uma *physis* nobre, como Coriolano, não pode prosperar sem a *paideia*⁷⁰, atribuindo-se-lhe um papel central na formação humana e intelectual do indivíduo, bem como na configuração civilizacional.

Por causa do tom conciliador de Plutarco, Boulogne, J. (1994), 150-1, apelida-o de “*médiateur transculturel*”, expressão que, a nosso ver, traduz o contacto e as influências interculturais, mas que, e bem, não apaga a identidade própria de cada povo, no fundo a sua memória colectiva. Com a reflexão sobre a *paideia*, Plutarco responde à autoridade política dos Romanos e à forma como estes se sentiram persuadidos, alguns ameaçados, pela autoridade cultural dos Gregos.

Em suma, paralelamente ao ensino da leitura, da música, da aritmética, da gramática, da ginástica, da dialéctica, da geometria, da astronomia, da retórica e da filosofia, na Antiguidade a *paideia* significava também formação moral e ética, perseguindo-se o equilíbrio entre a alma e o corpo, ou seja, música para a alma e ginástica para o corpo⁷¹. Numa primeira fase, essa educação cabia à própria cidade - “a cidade é mestra do homem”⁷², nas palavras de Simónides – sucedendo-lhe um período em que a família e os educadores passaram a deter a responsabilidade educativa. Portanto, educar na Antiguidade não é apenas transmitir conhecimentos e formar homens cultos, mas também consolidar hábitos e moldar o carácter.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, G. (1989). *The pepaideumenes in action: sophists and their outlook in the Early Roman Empire. Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II.31.1, pp. 79-208.
- ANDERSON, G. (1993). *The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire*. London & New York, Routledge.
- BOULOGNE, J. (1994). *Plutarque. Un Aristocrate Grec sous l'Occupation Romaine*. Presses Universitaires de Lille.
- BOWIE, E. (1991). Hellenes and Hellenism in writers of the Early 2nd Sophistic. In SAID, S. (ed.), *Hellenismos. Quelques jalons pour une histoire de l'identité grecque*, Leiden-New York- Kobenhavn-Köln, Brill, pp. 183-204.
- DUFF, T. (2002). *Plutarch's Lives: exploring virtue and vice*. Oxford University Press.
- JAEGGER, W. (2001⁴). *Paideia*, trad. de Artur Parreira. São Paulo, Martins Fontes.
- LIDDELL, H. G., & Scott, R. (1996r), *A Greek-English Lexicon*, with a revised supplement, Oxford, Clarendon Press.
- MARROU, H.-I (1990⁵). *História da Educação na Antiguidade*, trad. de M. Casanova. São Paulo, EPU.
- MASARACCHIA, A. (1995). Tracce aristoteliche nell' An seni res publica gerenda sit e nei Praecepta gerendae rei publicae. In GALLO, I., & SCARDIGLI, B. (a cura di). *Teoria e Prassi Politica nelle Opere di Plutarco, Atti del V Convegno Plutarco (Certosa di Pontignano, 7-9 giugno 1993)*, Napoli, M. D'Auria Editore, pp. 227-234.

⁷⁰ Cf. *Cor.* 1.2-4.

⁷¹ Cf. *Plat. Rep.* 376e.

⁷² Trad. de Rocha Pereira, M. H. (*op. cit.*).

- PELLING, C. (1989). Plutarch: Roman heroes and Greek culture. In GRIFFIN, M., & BARNES, J., (eds.), *Philosophia Togata. Essays on Philosophy and Roman Society*, Oxford, pp. 199-232.
- PINHEIRO, J. (2003). Significado de *Paideia* no tratado pedagógico *De liberis educandi*. In GONÇALVES ABREU, M. Z., & CASTRO, M. (coord.), *Estudos de Tradução – Actas de Congresso Internacional*, Cascais, Principia, pp. 473-484.
- PINHEIRO, J. (s. d). Análise do conteúdo pedagógico do tratado *De liberis educandis*. *Simpósio Internacional Escuela y Literatura griega en la Grécia Antigua*. Universidade de Salamanca (publicação para breve).
- ROCHA PEREIRA, M. H. (2003⁸). *Hélade. Antologia da Cultura Grega*. Porto, Edições Asa.
- ROSKAM, G (2004). From Stick to reasoning. Plutarch on the communication between teacher and pupil. *Wiener Studien* 117, pp. 93-114.
- STADTER, Ph. (2000). The Rhetoric of Virtue in Plutarch's *Lives*. In VAN DER STOCKT, L., (ed.), *Rhetorical Theory and Praxis in Plutarque (Acta of the IVth International Congress of the International Plutarch Society, Leuven, July 3-6, 1996)*, Collection d'Études Classiques, vol. 11, Louvain & Namur, pp. 493-510.
- SWAIN, S. (1998r). *Hellenism and Empire. Language, Classicism, and Power in the Greek World, ad 50-250*. Oxford, Clarendon Press.
- SWAIN, S (1990a). Hellenic Culture and the Roman Heroes of Plutarch. *Journal of Hellenic Studies* 110, pp. 126-145.
- SWAIN, S (1990b). Plutarch's Lives of Cicero, Cato, and Brutus. *Hermes* 118, pp. 192-203.
- TOO, Y. L. (ed.) (2001). *Education in Greek and Roman Antiquity*. Leiden-Boston-Köln, Brill.